

## PERSPECTIVISMO E TEMPORALIDADE EM NIETZSCHE

FRANÇA, Wagner<sup>1</sup>;  
RUBIRA, Luís<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [wagnersf@gmail.com](mailto:wagnersf@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [luiseduardorubira@gmail.com](mailto:luiseduardorubira@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

É somente no período tardio de sua obra, que Nietzsche desenvolve profundamente o tema do perspectivismo. A ideia basilar consiste em que toda interpretação não é nada mais que um sintoma de crescimento/intensificação, pois “a interpretação é *um meio mesmo para se tornar senhor de algo*. (O processo orgânico pressupõe contínuo interpretar)” (Nachlass/FP 1885, 2 [148]); o interpretar estaria então em tudo. O âmbito epistêmico do perspectivismo comporta o modo como uma fisiologia ou um organismo, interpreta a carga sensorial que lhe afeta. A filosofia nietzschiana passa a ser desprovida de qualquer subterfúgio sistemático com pretensões de verdade absoluta, seu pensamento é agora compreendido sob a égide do perspectivismo. O conhecimento perspectivo humano decorre do processo de produção de sentido, próprio da interpretação ao organizar o complexo de informações no qual se depara, atribuindo diferentes modos de significação, sobre isso o filósofo afirma: “[...] penso que hoje, pelo menos, estamos distanciados da ridícula imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele pode-se ter perspectivas. O mundo tornou-se novamente “infinito” para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele encerre infinitas interpretações.” (FW/GC §347). Nietzsche não pretende com o seu perspectivismo o estabelecimento de uma teoria do conhecimento última, tampouco a instauração de um saber absoluto. Seu caráter epistemológico não se ajusta ao procedimento puramente lógico-racional como ponto de partida para o conhecimento.

A suposta primazia lógico-racional é o resultado de uma interpretação, não seu ponto de partida. Todo discurso sobre o vir-a-ser sempre será passível de insuficiência demonstrativa objetiva, pois a própria atividade do intelecto ao “interpretar” os estímulos sensoriais, falsifica os sentidos ao conceituar de alguma forma o vir-a-ser. Precisamente porque na produção de conhecimento e sentido a linguagem e os conceitos fixam o vir-a-ser. O homem enquanto um ser perspectivo sempre possuirá concepções interpretativas dos elementos da efetividade. Além repelir o modo como a Filosofia é pensada, Nietzsche, ao admitir o perspectivismo no seu horizonte argumentativo, rejeita a concepção linear de tempo oriunda do cristianismo, em prol de uma concepção eterna e circular nos moldes gregos.

O perspectivismo identifica-se com a atividade interpretativa responsável pela produção de conhecimento. O tempo nesse contexto também é concebido de modo perspectivo, em outras palavras, o que se concebe como tempo decorre do caráter como o apreendemos. A estrutura cognitiva da sucessão temporal seria similar entre os homens, pois, em geral partilham da mesma capacidade de percepção do tempo. Porém a concepção advinda é variável em função do perspectivismo próprio da espécie humana ao atribuir sentido ou significado ao próprio tempo. Nesse sentido, uma exigência sobre a compreensão do tempo se

impõe na tentativa de superação da interpretação moral de mundo com base na concepção vigente.

Através de todo o escopo crítico realizado por Nietzsche o filósofo acredita possuir as condições para pensar uma nova forma da relação do homem com sua existência, e, por conseguinte, na possibilidade da criação de novos valores. Sustentamos que essa perspectiva filosófica somente pode ser alcançada e promovida na medida em que a compreensão do homem sobre o tempo for alterada. Essa concepção temporal adotada é o pensamento do eterno retorno do mesmo (*ewige Wiederkunft des Gleichen*), uma vez que, concebe a eternidade do tempo de maneira circular e não de forma finita e linear como as concepções cristã e científica. Rubira na obra *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores* afirma: “foi na hipótese cosmológica do eterno retorno do mesmo, ou seja, na possibilidade de uma eternidade temporal, que Nietzsche julgou encontrar uma nova medida de valor para realizar a transvaloração de todos os valores (*Umwerthung aller Werthe*)” (RUBIRA, 2010, p. 17). O projeto nietzschiano de situar a existência em outros padrões, compreendida como a tarefa da transvaloração de todos os valores somente pode ser operada pela aceitação do eterno retorno do mesmo. Contudo, sustentamos em vista da presente abordagem, que a hipótese cosmológica do retorno pode ser efetivada, somente se o modo de compreensão do tempo for alterado. Para Nietzsche essa seria uma forma mais abrangente em que uma cultura poderia situar sua existência, precisamente porque o *modus operandi* dela, ou seja, sua relação com o tempo estaria em conformidade com o mundo em vir-a-ser, nas palavras do filósofo: “que tudo retorna é a mais extrema aproximação de um mundo do vir-a-ser ao do ser” (Nachlass/FP 1886-1887, 7[54]).

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa terá o método imanente como leitura dos escritos de Nietzsche. Concordamos com Patrick Wotling ao sustentar essa metodologia como a mais plausível na leitura e interpretação dos escritos do filósofo, pois “o próprio texto fornece as indicações sobre seu modo de construção e os procedimentos de significação que ele põe em marcha” (WOTLING, 2013, p.51). É na própria capacidade auto interpretativa que o texto nietzschiano revela sua complexidade. O uso dos fragmentos póstumos e da correspondência é imprescindível, haja vista, que muitas posições do filósofo acerca do problema residem nesses materiais.

Essa metodologia será aplicada também ao investigar o desdobramento da hipótese em questão, sobre como as civilizações, povos e culturas operaram as implicações de suas concepções de tempo no campo valorativo. Essa discussão não pertence estritamente ao escopo da filosofia de Nietzsche. Tal abordagem será realizada tendo em vista apenas o perspectivismo como recurso metodológico no sentido de explorar a existência da relação entre tempo e cultura; tal abordagem implica na análise obras de cunho antropológico e historiográfico.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até momento a problemática abarcada se estende ao plano cultural concernente ao modo como as civilizações atribuem significado a sua existência decorrente do estatuto de tempo engendrado. Nesse sentido cabe analisar os

valores em distintas concepções de tempo na história e na atualidade, no sentido de expor como se relaciona o *modus operandi* de uma sociedade com a concepção de tempo vigente.

#### 4. CONCLUSÕES

Para compreender de maneira mais abrangente como um registro de tempo assumido se efetiva, o perspectivismo nietzschiano fornece as condições de possibilidade para compreender como são operadas as diferentes formas de concepções temporais e suas implicações no quadro valorativo. É precisamente na característica perspectivista das culturas que as variadas concepções de tempo e valores são elaboradas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- NIETZSCHE, Friedrich. **Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe** (eKGWB). (Digital critical edition of the complete works and letters, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York, de Gruyter 1967, edited by Paolo D'Iorio). In: <http://www.nietzschesource.org>, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Obras Incompletas**. Seleção de textos de Gerárd Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 1ª ed. São Paulo: Nova cultural, 1974 (Col. “Os Pensadores”).
- \_\_\_\_\_. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Assim Falou Zarathustra**. *Um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012;
- Assim Falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Mario da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução de Mario Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Além do Bem e do Mal**. *Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2002. **Além do Bem e do Mal**. Tradução de Mario Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Fragmentos póstumos (1869-1874) (Vol. III)**. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca. Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2008.
- \_\_\_\_\_. **Fragmentos póstumos (1885-1889) (Vol. IV)**. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca. Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2008.
- D'IORIO, Paolo. **La linea e il circolo. Cosmologia e filosofia dell'eterno retorno in Nietzsche**. Genova: Pantograf, CNR, 1995.
- NASSER, Eduardo. **Nietzsche e a ontologia do vir-a-ser**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- RUBIRA, Luís. **Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores**. São Paulo: Discurso editorial/Editora Barcarolla, 2010.